

Annikki

A morte vem directamente ao nosso encontro, monstruosa locomotiva a vapor que esmaga tudo à sua passagem, e ninguém escapa a esse cataclismo. O horário pode variar, mas o nosso cadáver acaba inevitavelmente por ser levado pelo comboio dos infernos. Antes desta derradeira viagem vem contudo a velhice e, antes ainda, a idade madura e o dia em que festejamos os sessenta anos. Ao chegarem a essa estação da vida, os homens, sobretudo eles, deviam resignar-se a esperar pela sua vez, ganhar juízo e assentar, mas alguns recusam-se.

Com as costas ainda a fumar devido ao calor da sauna, o industrial Rauno Rämekorpi foi refrescar-se na varanda do primeiro piso da sua casa, no bairro residencial de Westend, em Espoo, subúrbio a oeste de Helsínquia. Completamente nu, contemplou as águas cinzentas do golfo da Finlândia que lambiam a margem no fundo da rua. Era a manhã de uma sexta-feira, dia 7 de Setembro. Para trás, tinham ficado sessenta anos caóticos, soberbos, estranhos. Para a frente, com um pouco de sorte, teria pelo menos mais dez ou vinte anos de vida. Que lhe reservaria e que poderia esperar do tempo que lhe restava? A que deveria renunciar? Rauno nascera em 1941, na Lapónia, na aldeia de Riipi, perto de Sodankylä. O exército alemão tinha acabado de invadir a região. A Segunda Guerra Mundial grassava em todas as frentes.

O céu encheu-se de estrímulos. Gruas grisalhas volteavam em busca de correntes ascendentes, prontas a formar bandos. De tanto as fixar, os olhos do industrial começaram a lacrimejar, mas por nada do mundo teria perdido o espectáculo dos majestosos pássaros partindo para uma longa viagem. Quando o bando se organizou e se dirigiu resolu-

tamente para sul, Rauno baixou a cabeça e enxugou as lágrimas. As guas tinham passado. A sua vida também se sumia num bater de asas.

A migração das guas, em si mesma, nada tinha de funesto. Todos os anos se juntavam para voar rumo a África. O industrial interrogou-se sobre aquilo que as levaria, afinal, a partir. Teriam sem dúvida podido resistir ao frio, à nortada, mas como encontrar alimento nas turfeiras lapónicas quando as rãs se refugiavam nas profundezas da terra, sob o gelo, para passar o Inverno? As grandes aves pernaltas desciam para sul em busca de comida e nada mais. As guas grisalhas não comem esquilos e não sobem às árvores. Mas se a evolução lhes tivesse dado garras, teria sido possível assistir à cena fascinante de aves de pescoço comprido abrindo caminho até ao cume cerrado dos abetos em busca de martas e esquilos, que tragariam num ápice. Saciadas com a caçada, equilibrar-se-iam nas suas longas pernas, no cimo das árvores, com regougos de satisfação.

Annikki, a mulher de Rauno, foi ter com ele à varanda e pousou-lhe delicadamente uma mão no braço nu.

Annikki: Vai esfriar. Vem, vou ajudar-te a vestir a sobrecasaca. Mas, primeiro vai barbear-te e secar o cabelo.

O industrial olhou para ela: era uma mulher muito doce, de cabelos castanhos, de uma beleza intemporal. Estavam casados há cerca de trinta anos. Era a sua segunda esposa, o seu primeiro casamento terminara em divórcio. Desse primeiro matrimónio, tivera dois filhos. Em compensação, não tivera nenhum com Annikki. Mesmo depois de terem passado tantas décadas juntos, continuava a sentir-se apaixonado por ela, apesar de a paixão da juventude ter esmorecido. Dormiam em quartos separados. Annikki não suportava o cheiro a tabaco do cabelo de Rauno que, sobretudo quando bebia, fumava *North State* sem filtro, uns atrás dos outros. Era asmática e partilhar a cama com um homem que tresandava a tabaco não era propriamente o ideal. Porém, todas as manhãs, quando acordava por volta das seis, ia ter com o marido ao seu quarto e readormecia alguns momentos na sua companhia. Da parte de um casal que envelhecia, era uma demonstração de ternura e de amor silencioso, um gesto íntimo e belo, que se tornara um doce hábito quotidiano.

Todas as manhãs, levava-lhe o pequeno-almoço e o jornal que ele costumava ler voltado para o lado esquerdo; deixava-o perto da cama, ao lado da chávena de chá, com um quarto de limão e duas deliciosas fatias de pão com salmão fumado, fiambre, salame ou carnes frias,

geralmente acompanhadas por algumas rodela de cebola, de *kiwi* ou de um ovo cozido. O industrial comia com a bandeja pousada no chão, como um gato ou um cão. Era um arranjo prático, que lhe evitava ter de se levantar para se sentar na mesa do rés-do-chão. À cabeceira da cama dispusera uma mesinha alta, sob cujo tampo aparafusara duas lâmpadas voltadas para o soalho. Em cima do móvel, havia uma pilha de livros, alguns frascos de remédios, um canhenho, um lápis e um telemóvel. Quanto a Annikki, bebia o café no rés-do-chão, antes de subir novamente para se aconchegar nas costas do marido. Estas ocupações matinais testemunhavam a relação harmoniosa do casal e os laços profundos que os uniam.

Um chapim afoito, que entrara pela porta da varanda em busca de calor, foi empoleirar-se no grande candeeiro do tecto. O objecto — um elegante globo de vidro — denotava o gosto requintado de Annikki, que o escolhera pessoalmente. A assoalhada era uma ampla sala com mais de treze metros de comprimento e seis de altura. Ao fundo, num mezanino com cerca de vinte metros quadrados, ficava o escritório do dono da casa e, atrás, os quartos e a sauna.

Era preciso expulsar o chapim, pois as visitas que vinham festejar o aniversário do industrial não tardariam a chegar e seria inconveniente que o pássaro, assustado pelo burburinho, começasse a expelir caganitas nas taças de champanhe ou nos elaborados penteados das senhoras. Rauno desceu a correr para o rés-do-chão e abriu todas as janelas e portas que davam para o exterior. Annikki bateu as palmas das mãos, mas o pequeno chapim não parecia compreender o que esperavam dele. De cabeça inclinada, olhava para o homem nu que subira para um escadote e que procurava expulsá-lo do seu refúgio. Quando Rauno estava quase a chegar ao candeeiro, decidiu mudar de poiso e voou para o varão dos cortinados — reposteiros de um tecido branco gofrado, ainda uma escolha de Annikki. O herói do dia saltou para o chão e pegou numa esfregona. O pássaro tinha-lhe escapado outra vez quando ouviram tocar à porta.

Rauno Rämekorpi foi abrir: era uma jovem que vinha entregar flores. Com um olhar conhecedor, avaliou o velho senhor despido. O espectáculo não era desagradável: uma elevada figura musculosa, barrigas das pernas e coxas sólidas, sexo pousado num espesso capacho de pêlos, barriga respeitável, peito peludo, nuca robusta e rosto tipicamente finlandês, testa alta e larga, coroada por uma guedelha áspera, ainda molhada. Belo espécimen, pensou a florista. À primeira vista, o

homem devia pesar noventa quilos. Não devia ser nada aborrecido namoriscar com ele. Em conjunto, levaram três enormes ramos de flores para dentro de casa.

Annikki: Deixa, Rauno, vou tratar disso. Vai vestir-te.

Rauno: Primeiro é preciso pôr o chapim lá fora.

Annikki: Lembro-te que não trazes nada vestido.

Rauno: Não tenho frio, acabo de sair da sauna.

A florista declarou que sabia como tratar de pássaros transviados no interior das casas. Às vezes, no Outono, quando o tempo refrescava, alguns espécimes entravam-lhe pela imposta da loja, e um pisco chegara até a nidificar numa tuia do Canadá, onde incubou ovos de onde eclodiu uma ninhada de doze passarinhos.

Rauno Rämekorpi tomou a liberdade de duvidar. Pelo que sabia, os piscos nidificavam no solo ou nas cavidades das rochas e, de qualquer modo, nunca no Outono, que já não era a estação apropriada para eles. Decididamente, não era lá muito normal pretender que pudesse haver um ninho de pisco e uma catrefa de passarinhos na loja de uma florista.

A jovem quase se zangou. Num tom seco, retorquiu que aquilo que lhe parecia muito pouco normal, muito mais inabitual do que um ninho de pisco numa loja, era ver um velho pavonear-se nu à sua frente. Mas a normalidade era uma questão de hábito. Se todos os fulanos comessem a passear nus e a contradizer floristas sempre que se encontrassem com uma, tudo bem, mas, apesar de tudo, era a primeira vez que se encontrava diante de um cliente que perorava sobre piscos, de rabo ao léu.

Annikki: Não é o momento de discutir nidificação. Rauno, vai barbear-te e pentear-te. Nós as duas conseguiremos certamente expulsar o chapim sem a tua ajuda.

Rauno Rämekorpi resmungou e foi para a casa de banho. Da ombreira da porta, viu as duas mulheres começarem a caça ao pássaro.

A Florista: Puup, puup!

Ao ouvir este chamariz para atrair pássaros, semelhante ao piar nupcial da pequena coruja, o chapim percebeu logo que não estava seguro naquela casa e voou pela porta dupla que dava para o pátio. Annikki Rämekorpi assinou o recibo da entrega das flores e puderam dar início aos preparativos para a festa.

Empregados do fornecedor local de banquetes chegaram com os braços carregados de material. Prepararam taças de champanhe e, no fundo da sala, dispuseram um bufete onde alinharam chávenas de café, canapés e bolinhos. Rauno Rämekorpi teria preferido festejar os

sessenta anos sozinho com a mulher, se possível na sua velha cabana de pescador de Sodankylä, na margem das águas sombrias do lago Riipi, mas o seu estatuto de administrador-geral de uma próspera empresa industrial não lho permitia. Tinha de pensar nos seus sócios e outros parceiros. Aliás, Annikki também não acolhera com grande entusiasmo a ideia de se refugiar na triste tundra lapónia, afogada sob as chuvas outonais. Propusera uma evasão para as Caraíbas, na primeira classe de um cruzeiro. No fim de contas, dispunham de meios. Rauno consagrava toda a sua vida ao trabalho, não tirava um momento de repouso. Podia perfeitamente abrandar um pouco o ritmo. Duas semanas de navegação nas ilhas fariam muito bem a ambos. O industrial achara a sugestão idiota — não se imaginava a arrulhar nos trópicos. No início do Verão, tiveram uma longa conversa sobre o assunto, durante a qual decidira pôr os pontos nos *is*. Na sua opinião, já não tinham idade para férias de apaixonados e sempre detestara os novos ricos que se amontoavam nos paquetes de luxo, preguiçando ao sol e fazendo-se apaparicar. Também deviam lembrar-se de que ele falava muito mal inglês e ainda pior o anglo-americano, pois durante a juventude não tivera meios para fazer estudos a sério. Um finlandês devia expressar-se na sua língua, tanto pior para os outros. E passar duas semanas a beber seria desastroso para o fígado.

Annikki: Nada te obriga a exagerar na bebida. Nos paquetes também há bibliotecas, cinemas, tudo com que se possa sonhar.

Rauno: Não vou gastar dezenas de milhar de marcos para poder folhear romances *light* americanos ou ver actores proferir idiotices em velhos filmes de série B.

Annikki: Poderíamos ter sessões de *spa*, banharmo-nos no oceano e aproveitarmos as escalas para descobrir a vida e a cultura locais. Além disso, a comida dessas regiões é deliciosamente sã, devias ler os folhetos em vez de resmungar por tudo e por nada.

Rauno retorquiria que preferia refastelar-se numa boa velha sauna a tomar um banho de lama num cruzeiro. Só Deus sabe que bicharia marinava nesses banhos, acabaria coberto de pústulas para o resto da vida, sem contar com as larvas de bilhárzia que não deixariam de se lhe anichar na pele... E era melhor tomar precauções para mergulhar no oceano, as correntes marítimas tinham levado centenas de turistas irresponsáveis, sobretudo nas Caraíbas. Também era preciso pensar no ambiente: quando um grande navio fundeia na enseada de um ilhéu, as suas âncoras de várias toneladas destroem um hectare de recifes de